

PROCESSOS FORMATIVOS DOS PROFESSORES DA ESCOLA DO CAMPO: ATRAVESSAMENTOS SINGULARES ENTRE O VER E O SENTIR O CURRÍCULO E A VIDA NA AMAZÔNIA TOCANTINA PARAENSE

RAINING PROCESSES OF THE CAMPO SCHOOL TEACHERS: SINGULAR CROSSES BETWEEN SEEING AND FEELING THE CURRICULUM AND LIFE IN THE PARENT TOCANTINE AMAZON

Edilena Maria Corrêa¹
Joelma de Jesus Dias Leão²

Resumo: Este texto traz reflexões acerca dos processos formativos dos educadores do curso de Licenciatura em Educação do Campo ofertado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus do Tocantins/Cametá, a partir das seguintes questões: os processos formativos do curso de licenciatura em Educação do Campo seguem linhas singulares dos modos de vida dos licenciandos? Como a alternância pedagógica tem se efetivado no sentido de possibilitar movimentos singulares que escapem à universalidade e às linhas duras dos processos formativos da docência? O presente ensaio dialoga com autores que discutem sobre a educação do campo e com a filosofia da diferença no sentido de movimentar o pensamento a respeito dos processos formativos dos docentes do campo a partir de relatos de egressos do curso. Entende-se a formação como processo que ocorre por inúmeras experiências, que foge às certezas, aos caminhos retos traçados por currículos e práticas pedagógicas que negligenciam as singularidades e os modos de vida.

Palavras-chave: Formação de professores; educação do campo; alternância pedagógica.

Abstract: This text brings reflections about the educative processes of educators of the Course of Education in the Field offered by the University Federal of Pará – Campus Tocantins/Cametá, from the questions: do the formative processes of the Licentiate Course in Rural Education follow singular lines of the way of life of the graduates? How has the pedagogical alternation been effected in the sense of enabling singular movements that escape the universality and the hard lines of the teaching training processes? The present essay dialogues with authors who discuss rural education and with the philosophy of difference in order to move thinking about the formative processes of rural teachers based on reports from graduates of the course. Training is understood as a process that occurs through innumerable experiences, which escapes certainties, the straight paths traced by curricula and pedagogical practices that neglect singularities and ways of life.

Keywords: Teacher training; rural education; pedagogical alternation.

1. Introdução

O mal-estar herdado das linhas fixas que fabricam a imagem do “ser professor”, acaba por engessar a formação, roubando-lhes a potência criativa e inventiva do corpo em processos formativos que é atravessado por experiências e modos de vida singulares. Os deslocamentos e desvios das certezas de “ser professor”, de “formar professor” vieram por meio de outras formas de olhar e sentir, de outras experiências vivenciadas no decorrer dos cursos de mestrado e

¹ Universidade Federal do Pará, Cametá, PA, Brasil.

² Universidade Federal do Pará, Cametá, PA, Brasil.

doutorado, quando vivenciei situações de estudo movidas por uma vontade viva de conhecer, de experimentar, e essa vontade “[...] teria tanto mais força quanto maior o número de maneiras pelas quais pudesse ser afetado” (DELEUZE, 2018, p. 82). Tais processos formativos possibilitaram outros olhares sobre a educação, pelas vias da criação, da experimentação, da aposta na singularidade, na vida que acontece, nas incertezas, nas linhas movediças que estão a tecer os processos formativos de professores e professoras.

Este texto é resultado de uma pesquisa que objetiva investigar sobre os processos formativos do curso de Licenciatura em Educação do Campo no que tange à área de ciências da natureza a partir das linhas singulares e dos modos de vida dos licenciados em Educação do Campo da UFPA – Campus Tocantins/Cametá.

Pensar sobre as potências dos processos da formação inicial de educadores e educadoras do campo é importante para permitir movimentos no que diz respeito ao currículo e à formação como latência e possibilidades, como mapa de linhas cujos traçados estão abertos às intensidades e singularidades que estão a transitar no currículo e nos processos formativos dos(as) docentes das escolas do campo. Nesse sentido, apresentam-se como indagações: i) os processos formativos do curso de licenciatura em Educação do Campo, da UFPA – Campus do Tocantins/Cametá, seguem linhas singulares dos modos de vida dos professores em processos formativos? ii) Como a alternância pedagógica tem se efetivado no sentido de possibilitar movimentos singulares que escapem à universalidade e às linhas duras dos processos formativos da docência?

Para Rolnik (1995), vivemos o mal-estar da desestabilização de nossas figuras, e na tentativa de nos apaziguarmos, investimos inconscientemente as figuras *prêt-a-porter* que idealizamos, o que nos afasta mais ainda da possibilidade de criar territórios singulares que corporifiquem os agenciamentos de diferenças que pedem passagem.

Pesquisas realizadas por estudiosos da área da educação do campo, como Mônica Molina, Roseli Caldart, Salomão Hage, têm levantado importantes questões para pensar sobre as políticas de formação dos educadores do campo. Molina (2011) destaca que há necessidade de construir estratégias formativas que sejam capazes de oportunizar ao docente em formação os fundamentos filosóficos, sociológicos, políticos, econômicos, antropológicos que ofereçam elementos importantes para sua ação educativa também em meio aos contextos de tensões que permeiam as relações sociais no território rural contemporaneamente, com ênfase nos desafios impostos à permanência dos sujeitos camponeses nesse território.

A pesquisa se desenvolve por percursos cartográficos que busca a sensibilidade nos atos de leitura, escuta e escrita sobre a formação, sobre o que atravessa e o que povoa os licenciados do curso de Educação do Campo em seus processos formativos. A cartografia é utilizada como modo de fazer pesquisa, como prática de acompanhamento dessas redes de conversações, escuta e escrita das linhas que tecem os processos de formação dos professores e professoras das escolas do campo.

2. Fios e desafios na tessitura da formação docente entre rios e florestas

O curso de Licenciatura em Educação do Campo, que tem como objetivo formar educadores para atuar junto às populações do campo na Amazônia, tem estado em territórios das águas e florestas para fortalecer as lutas dos povos ribeirinhos e das florestas por territórios e direitos à vida, à saúde, à educação.

O projeto da modernidade criou uma Escola para a classe trabalhadora pela qual se impôs o silêncio e a invisibilidade da cultura dos grupos minoritários. Desse modo, a formação de professores tem seguido as linhas da dominação, das certezas, dos pacotes, tanto no que tange ao currículo como as práticas pedagógicas.

Com “receitas” prontas, a formação de professores tem enveredado pelo campo dogmático com base em regras, padrões, “atravessada por relações de verdade, unidade, objetividade, correção” (BRITO, 2015, p. 87), que ignoram as singularidades, as diferenças. Resistir a esse pensamento na formação de professores da escola do campo é urgente, por meio de lutas constantes por políticas públicas de educação e pela afirmação da cultura e saberes do povo camponês no currículo escolar, por processos formativos que possibilitam passagens, movimentos em aliança com a singularidade (GALLO, 2003), com os modos de vida dos sujeitos do campo.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFPA – Campus do Tocantins/Cametá é destinado à formação de professores da área rural a fim de atuarem nas escolas do campo, ele atende aos municípios paraenses de Cametá, Oeiras do Pará, Mocajuba, Baião Limoeiro do Ajuru e Igarapé-Miri. Banhados por rios, esses municípios atendem em suas escolas, crianças, adolescentes e jovens que vivem no campo em especificidades ambientais, culturais, sociais e econômicas bastantes diversas. Eles precisam escapar de uma perspectiva de educação universal, padronizada, que desconsidera suas singularidades e sua heterogeneidade.

A Amazônia tocantina paraense apresenta uma diversidade sociocultural tecida por povos indígenas, ribeirinhos, camponeses, pescadores, agricultores, extrativistas... São peculiaridades marcadas por suas localizações territoriais e que têm ficado fora das políticas educacionais implementadas nessa região, isso se deve à forma hegemônica de olhar e pensar a educação do campo, há uma invisibilidade a respeito das singularidades dos sujeitos do campo, o que tem se mantido ao longo das décadas nos processos formativos de professores. Tais concepções e práticas formativas têm sido potencializadas por questões que se firmam no pensamento da identidade, de um modo único e universal de aprender e se tornar professor.

Todavia, as culturas das populações camponesas têm sua constituição mediada pelo trabalho, pelo cotidiano, pelos modos de vida no campo. Crianças, jovens e adultos tecem suas relações com rios e florestas. Nos espaços camponeses, o trabalho é tido também como educativo, que se aprende nas relações cotidianas no grupo familiar, o que, segundo os sujeitos do campo, ajuda a manter a cultura e os saberes diversos das comunidades. Nesses espaços pulsa a vida que se reinventa, que experimenta, que resiste, que tece suas lutas diárias pela existência. As comunidades do campo são compostas de muitos desafios, dentre eles, o de implementação e expansão de políticas e projetos de educação que abracem rios e florestas, como tem se lançado a tal desafio a Licenciatura em Educação do Campo nessa parte da Amazônia.

3. A alternância pedagógica como linha de fuga nos processos formativos

Nas primeiras décadas do século XX, na França, foram criadas as *Maison Familiales* que deram origem à Pedagogia da Alternância, era uma nova forma de pensar e implementar o processo de escolarização dos filhos dos trabalhadores camponeses que, por falta de escolas no campo, estavam sendo “expulsos” para os centros urbanos. Tal experiência trazia uma proposta de organização pedagógica a ser desenvolvida em tempos e espaços que objetivavam a formação geral, humana e profissional. Essa nova forma de pensar a educação francesa é resultado de movimentos dos camponeses por escolas que atendessem aos seus anseios (BERNADET; PEZARICO, 2011).

Surgia então a Pedagogia da Alternância como um modo de organização pedagógica do ensino pautada na articulação entre a vida na Escola e a vida na comunidade, tempos-espços e experiências diferentes igualmente importantes nos processos formativos. O tempo-escola e o tempo-comunidade alternam-se e firmam-se na relação pedagógica entre Escola, Família e Comunidade de modo a relacionar os modos de vida e de trabalho dos estudantes do campo com o objetivo de possibilitar a permanência em seus espaços de vivência.

A nova forma de organização do ensino baseada na Pedagogia da Alternância se dava em espaços e tempos formativos que tinha como objetivo a formação ancorada na articulação entre disciplinas escolares e a vida dos camponeses, passando por questões de cunho social, econômico, ambiental e político (GIMONET, 1999).

Nessa forma de organização, os jovens camponeses que trabalhavam na propriedade familiar, poderiam, periodicamente, complementar sua formação na escola de modo adaptado ao seu trabalho, conforme destaca Silva (2012).

Houve um acordo de que este período de formação complementar seria realizado sob a forma de internato, onde os alunos passariam três semanas em aprendizado prático nas suas propriedades e uma semana em formação teórica na escola. [...] Nascia, assim, aquele que viria a ser uma das características e base fundamental do projeto pedagógico das Maisons Familiares Rurales (MFRs): a alternância entre o trabalho prático na propriedade agrícola e a formação geral técnica no centro de formação (SILVA, 2012, p. 36).

Sobre a Pedagogia da Alternância como forma de organizar o processo educacional dos sujeitos camponeses na França, Nosella (2014) destaca que ela buscava a criação de uma Escola diferenciada, que atendesse às necessidades dos jovens trabalhadores do campo com concepções teóricas e metodológicas ancoradas seus modos de vida e de trabalho, não em uma adequação da escola convencional a essa concepção pedagógica.

No Brasil, a Pedagogia da Alternância começou a ser realidade no estado do Espírito Santo no final da década de 1960, no contexto da ditadura militar, se constituindo como uma importante forma de organização educacional, caracterizada pelas lutas e resistências dos trabalhadores do campo, como forma de enfrentamento a uma concepção de educação hegemônica, excludente e precarizada. Essa forma de enfrentamento, por meio de concepções e práticas educativas, possibilita “movimentos singulares que escapem a universalidade como se fossem uma espécie de resistência ou mesmo um grito” (COSTA; BAIA; BRITO, 2018, p. 91).

A Alternância Pedagógica faz parte de movimentos sociais de luta pela garantia de direitos no campo, especificamente, o direito à educação. Tais movimentos entendem a Pedagogia da Alternância como possibilidade de permanência dos jovens do campo em suas comunidades garantindo seus direitos à educação.

Trata-se de uma linha de fuga dos sujeitos do campo, traçada, sem nenhum modelo. Segundo Deleuze e Guattari (2005) é possível inventar nossas linhas de fuga traçando-as efetivamente na vida. O movimento de luta e resistência dos camponeses pela Pedagogia da Alternância é um trabalho de muitos, se tece de forma coletiva e de acordo com as necessidades dos sujeitos do campo. Nesse sentido, ela se constitui como necessidade de criar formas de enfrentar e resistir aos desafios vividos nas comunidades do campo.

Deleuze (1992) destaca a possibilidade de escapar aos saberes já constituídos, aos modos hegemônicos de ser e de estar com o outro pela criação de uma máquina de guerra, que de certa maneira, implica inventar novos espaços-tempos diversos e singulares que escapam ao controle. Os espaços-tempos da Pedagogia da Alternância escapam ao modelo da Pedagogia convencional, que padroniza e impõe as certezas por meio de pacotes didáticos universais, em favor de uma Escola que atravessa a vida dos sujeitos do campo. Criar lugares outros que possibilitem vazamentos, processos criativos na formação de professores, que atentem para as singularidades, que escapem à universalidade como uma espécie de resistência são possíveis, outras formações e outros modos de existências são importantes para escapar aos modelos e receitas didático-pedagógicos.

A formação de professores a partir da alternância pedagógica que integra tempo-comunidade e tempo-universidade possibilita a diversidade de experiência. Sobre o conceito de

experiência, Larrosa (2002, p. 21) ressalta que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Entende-se então a experiência como tudo o que nos atravessa de uma forma ou de outra, como tudo o que nos envolve e compõe a nossa formação, portanto, a experiência se constitui como mecanismo de formação e de transformação no processo educativo.

Se lhe chamo “princípio de transformação” é porque esse sujeito sensível é um sujeito aberto à sua própria transformação, ou a transformação de suas palavras, de suas ideias, de seus sentidos. De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação, daí que a experiência me forma e me transforma (LARROSA, 2011, p. 7).

A ideia de experiência como transformação do sujeito vai na linha da alternância pedagógica, que na relação de espaços-tempos os sujeitos se lançam às passagens, aos afetos, a tudo o que nos passa, nos toca, nos acontece. O tempo-espaço universidade favorece a socialização dos saberes e experiências vivenciadas pelos professores em formação no tempo-espaço comunidade.

São agricultores, pescadores, extrativistas... Que em seus territórios desenvolvem seu trabalho de forma singular, tais experiências são partilhadas e potencializadas na universidade em relações de transversalidade de saberes entre estudantes-estudantes, estudantes-professores e estudantes-professores-territórios. Todavia, a experiência é única para cada sujeito.

Na formação por alternância, essas relações aproximam de forma potente a universidade e os territórios camponeses em diferentes tempos e espaços formativos a partir das experiências de cada sujeito, o sujeito da experiência, que, segundo Larrosa, (2011), é como um território de passagem, uma superfície de sensibilidade, pois a experiência não é o que se faz, mas o que nos faz, o que nos passa, o que nos envolve.

4. Educação do campo: transversalidade de saberes e experiências nos processos formativos da docência

O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFPA – Campus do Tocantins/Cametá assim como as falas dos egressos destacam a importância das experiências vivenciadas por meio da alternância pedagógica em seu processo formativo. Desse modo, as experiências são formativas, e atravessam as linhas singulares e criativas, e têm na alternância uma forma de resistência que possibilita a democratização do saber e fatura os modelos de formação ancorados em demarcações de fronteiras entre o institucional e o não institucional.

Na formação por alternâncias, a transversalidade de saberes e experiências possibilita diálogos entre conhecimentos científicos e os saberes dos sujeitos, por meio de movimentos que buscam romper com as concepções e métodos ancorados na neutralidade da ciência, na crença do conhecimento científico como verdade única, que marginaliza e silencia os demais saberes e experiências que adentram as instituições formativas.

Molina e Hage (2015) destacam que na Educação do Campo, a Formação em Alternância apresenta a intencionalidade pedagógica de formar educadores capazes de compreender a totalidade dos processos sociais nos quais se inserem sua ação educativa. Desse modo, formar educadores do campo com base em diálogos entre saberes e experiências dos diferentes espaços-tempos fortalece uma educação vinculada à vida, ao trabalho, ao território e às singularidades das diversas Amazônias que vestem os muitos corpos que experimentam os processos formativos da docência, como destaca o relato de uma egressa do Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Como professora formada nesse curso, posso dizer que todas as nossas atividades realizadas na nossa comunidade, como nosso trabalho, nossa cultura, nossos conhecimentos sobre as plantas, a agricultura, a pesca... são valorizadas pelos professores durante as disciplinas. A gente consegue ter uma formação que parte dela é feita considerando os nossos conhecimentos da nossa vida. Eu vejo isso como uma forma de inclusão dos povos do campo na universidade, dos conhecimentos do povo do campo na educação. (Egressa do Curso de Licenciatura da Educação do Campo/Cametá, 2021)

Essa compreensão mostra a relação entre o curso de Educação do Campo e a valorização dos modos de vida dos camponeses, oportunizada pela Formação em Alternância. A valorização dos saberes e culturas dos estudantes do campo no decorrer dos seus processos formativos durante o curso é enfatizada pela egressa como um ponto singular oportunizado pela alternância, que olha para a sua realidade e começa a compreender a relação da educação com seu trabalho, com seus modos de vida, com seu território.

Dessa forma, compreende-se que a alternância como instrumento pedagógico fortalece a relação entre universidade e comunidade e o diálogo entre as áreas de conhecimento, o território, o trabalho, a escola, o rio, a agricultura, a pesca e os movimentos sociais. A alternância pedagógica está relacionada à busca de alternativa para que os sujeitos do campo tenham acesso à educação de qualidade em suas comunidades fortalecendo os modos de vida e a organização social como forma de resistência e enfrentamento às questões que afetam seus territórios.

5. Algumas considerações

A formação de professores ainda se apresenta como um território demarcado por determinadas diretrizes e práticas pedagógicas com o objetivo de emoldurar a docência na universalidade, no padrão, na identidade do “ser professor”. Porém, professores em processos formativos são indivíduos com singularidades, afetos e desejos que podem fissurar as estruturas sólidas dos moldes de formação docente e abrem espaços para encontros com as potências da vida.

A alternância pedagógica no curso de formação de professores é um elemento pedagógico que tem se colocado como um modo de resistência e subversão a uma formação que objetiva um sujeito centrado, estável, dono da verdade. A alternância permite aos sujeitos atravessamentos, passagens, movimentos transversais pelas linhas dos conhecimentos científicos, dos saberes, da cultura, do trabalho que faz pulsar a vida no campo. desse modo, a formação por alternância rompe com a concepção de conhecimento único e legítimo no currículo e torna-se, desse modo, um mapa aberto às intensidades, por onde transitam saberes e experiências diversas. Os tempos/espaços/saberes (comunidade/universidade) dinamizam e potencializam a composição formativa da docência.

Entendemos que os processos formativos dos professores envolvem movimentos de composição do ver, do sentir, do viver, como fragmentos de um corpo que está em constantes processos de composição, decomposição e recomposição em meio às suas singularidades e seus modos de vida. Possibilitar outros modos de aprender e ensinar, dar vazão a processos formativos que sejam sensíveis às singularidades, à heterogeneidade tem importância no contexto da formação inicial de educadores do campo, no sentido de permitir processos por onde ecoem as vozes dos grupos minoritários, algo que é possível. E a alternância, como processo pedagógico, cria fluxos, passagens, é um modo de resistência.

Referências

- BERNADETT, M. L.; PEZARICO, G. A Pedagogia da Alternância e seus referenciais teóricos metodológicos: construções a partir dos diálogos entre Brasil-África. *Revista de Ciências Humanas*, v. 12, n. 19, p. 117 -136, 2011. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/346>. Acesso em: 16 jan. 2021.
- BRITO, M. R. *Entre as linhas da educação e da diferença*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.
- COSTA, D. W.; BAIA, Y. S.; BRITO, M. R. Traçados singulares na formação de professores. *Revista Signos*, ano 39, n. 2, 2018.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GALLO, S. *Deleuze e a Educação*. São Paulo: Autêntica, 2003.
- GIMONET, J. C. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de Educação e Orientação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALTERNÂNCIA E DESENVOLVIMENTO. 1998. Salvador. *Anais [...]*. Salvador: UNEFAB, 1999. p. 39-48.
- LARROSA, J. Nota sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. *Reflexão e Ação*, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.
- MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. A licenciatura em educação do campo da Universidade de Brasília: estratégias político-pedagógicas na formação de educadores do campo. In: MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. (Org.). *Licenciaturas em educação do campo: registros e reflexões a partir das experiências piloto*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MOLINA, M. C.; HAGE, S. M. Política de formação de educadores do campo no contexto de expansão da educação superior. *Educação em Questão*, v. 51, n. 37, p. 121-146, jan./abr. 2015.
- NOSELLA, P. *As origens da Pedagogia da Alternância*. Brasília: UNEFAB, 2007.
- ROLNIK, S. *O mal-estar na diferença: Psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 97- 103.
- SILVA, L. H. *As experiências de formação de jovens do campo: alternância ou alternâncias?* Curitiba: Editora CRV, 2012.

Sobre as autoras

Edilena Maria Corrêa. Graduada em Pedagogia e em Ciências Naturais. Doutora em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica (UFPA). Professora da Universidade Federal do Pará – Campus do Tocantins/Faculdade de Educação do Campo.
E-mail: edilenacorrea@yahoo.com.br.

Joelma de Jesus Dias Leão. Graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Pará – Campus do Tocantins/Faculdade de Educação do Campo.
E-mail: joelmaleao810@gmail.com.